

Rui Algarvio

Battlefield

Primeiro Acto (Bruto Homem)

De 25 de Janeiro a 20 de Fevereiro

Segundo Acto (Homem Bruto)

De 23 de Fevereiro a 16 de Março

“Damn you, Izo...

How can you be so brutal...?

Are you brutal because you´re human?

Or is it that...

...you´re human because you´re brutal?”¹

Primeiro Acto (Bruto Homem)

“O homem-massa crê que a civilização em que nasceu e que usa é tão espontânea e primigénia como a Natureza e converte-se, ipso facto, em primitivo. A civilização parece-lhe uma selva.”²

Vivo numa zona de moinhos mas não os vejo. O aglomerado de edifícios altos não deixa espaço para os descobrir, engole-os. À noite, da janela da minha cozinha, vejo uma infinidade de luzes amarelas mas não vislumbro qualquer moinho, mas sei que estão algures por lá, quietos na sua ultrapassada e já inútil tarefa. Sei-o, também, porque é uma zona de muitos ventos, ventosa. Há zonas onde podemos ver os parques eólicos, filas de moinhos que atravessam o nosso horizonte criando pequenos aglomerados de figuras hirtas e imponentes.

Quão deslumbrante seria esta zona? Ao fundo o talvegue, onde o tempo estava porque tinha de estar. E foi então que chegámos... e depois cheguei eu.

Segundo Acto (Homem Bruto)

“Nisto descobriram os trinta a quarenta moinhos de vento que há naquelas paragens. Mal D. Quixote deu com os olhos neles, disse para o escudeiro:

- Estamos com sorte, muito mais sorte do que aquilo que podíamos desejar. Abre-me os olhos e repara... repara-me para aqueles trinta e tantos desaforados gigantes! Vou-me a pelejar com eles e tirar-lhes a vida.”³

Não terei uma postura tão guerreira como D. Quixote, nem tão pouco como Izo. Sou mais contemplativo. Também me fascinam as aventuras, as viagens, os imprevistos. Imagine-se a luta que D. Quixote teria de travar nos nossos dias com os enormes postes de electricidade, os novos moinhos eólicos, as novas

¹ Izo, Takashi Miike, 2004.

² Gasset, Ortega y, *A Rebelião das Massas*, Lisboa, Relógio d´Água, 2007, pág. 97.

³ Cervantes, Miguel de, *D. Quixote de la Mancha*, Versão de Aquilino Ribeiro, Bertrand Editora, Lisboa, 2010, pág. 62.

construções em altura. Os moinhos de vento que ele observaria seriam pequenas figuras sem importância, um pequeno grupo de soldados fáceis de vencer numa gigantesca e interminável batalha. Será que ficaria aterrado com esta nova realidade?

As visões apocalípticas de John Martin transportam-nos para um imaginário fascinante e aterrador. Não é por acaso que o seu mais famoso tríptico foi feito no final da sua vida.

*“Quando a criança era criança,
uma vez acordou numa cama estranha.
E agora repetidas vezes.
Muitas pessoas pareciam-lhe bonitas.
E agora é um golpe de sorte.
Tinha uma imagem clara do Paraíso,
e agora só consegue fantasiar.
Não conseguia imaginar o nada,
e hoje treme com essa ideia.”⁴*

⁴ *As Asas do Desejo*, Wim Wenders, 1987.

Rui Algarvio divide a sua exposição *Battlefield* em dois momentos distintos: um primeiro acto chamado Bruto Homem, e um segundo acto chamado Homem Bruto. O primeiro acto vai ser pautado por várias instalações e no segundo vai mostrar pinturas. Rui Algarvio faz uma integração da pintura na instalação e uma pintura de instalação.

A profundidade do seu trabalho é evidente. Mesmo em peças de menores dimensões, há um jogo de planos: o nosso plano (enquanto espectadores), e os planos onde se desenrola o espectáculo da natureza. Está sempre presente a ideia do caminho, do percurso. Este percurso é precisamente o que Rui Algarvio nos convida a fazer. Numa espécie de eterno retorno, em que vamos, voltamos, e tornamos a fazê-lo novamente no quadro seguinte, ou de quadro para quadro, seguimos o seu percurso.

A maioria dos seus trabalhos não tem título. É outro convite à imaginação de cada um e uma negação clara do classicismo paisagístico. Na dimensão conceptual do trabalho do Rui Algarvio nota-se uma determinada tristeza pela natureza perdida. Há um exercício de reflexão do autor e do espectador sobre o papel do humano no espaço e no tempo. Somos efémeros no espaço que habitamos, sendo que esse espaço está também em permanente mutação.

Nota biográfica:

Rui Algarvio nasceu no Barreiro (1973), vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa (1998) e tem mestrado em Artes Visuais – Pintura pela Universidade Nacional Autónoma do México (2003), tendo obtido a Medalha de Mérito Académico Alfonso Caso. Expõe regularmente desde 1998 em Portugal e no estrangeiro.